

*Discurso no encerramento do diálogo
dos chefes de estado e de governo com
representantes da sociedade civil durante
a conferência Rio + 10*

MUSEU DE ARTE MODERNA, RIO DE JANEIRO, RJ,

24 DE JUNHO DE 2002

Senhoras e senhores,

Já houve agradecimentos bastantes. Não obstante, cabe a mim, como Presidente da República, agradecer uma vez mais a presença de todos e, muito especialmente, dos Chefes de Estado e de Governo e dos representantes de Chefes de Estado e de Governo que estiveram aqui presentes, bem como à Governadora do Rio de Janeiro.

Eu não poderia deixar de dizer breves palavras sobre as duas pessoas que coordenaram, aqui, o nosso debate. Maurice Strong é conhecido de todos. Ele é o grande animador de toda essa evolução que houve, no mundo contemporâneo, em matéria de desenvolvimento, até chegarmos à idéia de desenvolvimento sustentado. Não terá sido ele o único, mas, certamente, foi central na sua atividade. E, para nós, é uma grande honra e nos envaidece ter ele estado aqui, conosco, como coordenador deste evento.

Quero dizer, também, que o Doutor Fábio Feldman – e vai ficar um pouco estranho, porque pode parecer uma troca de gentilezas entre nós, dado que ele foi tão gentil em fazer alusões à minha presen-

ça aqui – não foi apenas o organizador formal deste acontecimento. Ele tem trabalhado intensamente nas esferas decisórias do Brasil para que a idéia de desenvolvimento sustentável vença no nosso País. E ele o faz há muitos anos. Pagou um preço por isso: deixou de ser eleito Deputado Federal, porque impôs restrições ao consumo de gasolina em São Paulo. Não são muitos os que se dispõem a colocar o próprio pescoço em juízo para serem fiéis às suas convicções. Trabalhou duro nessa matéria. Foi meu colega na Assembléia Nacional Constituinte. Vocês podem imaginar o trabalho que ele me deu – eu era relator-adjunto da Constituição – para introduzir na Constituição matérias relativas à demarcação de terras indígenas, à cultura indígena, ao reconhecimento do valor histórico dos indígenas, aos consumidores, ao meio ambiente.

Portanto, ele aqui está, apenas, mostrando uma das suas faces, que é a face de organizador. Não é a melhor: a melhor é a de pensador. Ele pensa muito bem essas questões todas e nos ajuda muito.

Por fim, duas palavras. Eu fiquei prestando atenção, naturalmente, e sou habituado a prestar atenção, ao contrário do que as pessoas podem pensar. Quem é Presidente da República deve ouvir muito, queira ou não queira, até desaforos, quando é o caso. Aqui, não. Aqui foram só manifestações gentis e manifestações de preocupação com o meio ambiente, com o País, com a riqueza, com a pobreza, com tudo que é realmente importante; e preocupações com certas atitudes de certos governos que não têm tido a compreensão necessária para assumir a liderança do mundo, como lhes corresponde. Mas uma preocupação cheia de otimismo.

E esta é a minha primeira conclusão: nós temos que manter uma visão positiva, otimista das coisas, senão não vamos avançar. Há muitas dificuldades, mas temos que acreditar que é possível superá-las, com paciência e com perseverança.

Isso vai ser o espírito de Johannesburg. É uma reunião para vencer, e não para chorar as derrotas. Pessoas que se comprazem com lamúrias, que fazem um discurso emocionado, para dizer que nada andou para frente só ajudam a andar para trás. Não é disso que o mundo precisa. O

mundo precisa de gente que tenha visão, lucidez, perseverança e a crença de que dá para avançar.

Nós vamos para Johannesburgo para avançar. Nada de falar em fracasso. Vamos tirar essa palavra do nosso dicionário, porque Johannesburgo vai ser um sucesso.

Mas, para isso, além do que aqui foi referido tantas vezes, é preciso – e tenho certeza de que haverá, porque o Presidente Mbeki vai assumir essa liderança –, além da liderança necessária, é preciso ter foco. Nós não podemos transformar uma Conferência num muro de lamentações de todas as nossas angústias pessoais. Isso não ajuda. O que ajuda é ser capaz de definir com objetividade o que queremos, o que é possível fazer e como fazê-lo.

O que queremos já todos sabemos e, aqui, vários disseram, redisseram e vamos dizer até o final das nossas vidas. Não basta. Como queremos nós estamos começando a definir nesses sucessivos encontros, seminários. As coisas estão avançando, tanto que, mesmo nas áreas chamadas duras, econômicas, neste país, não há uma decisão de investimento que não passe primeiro pelo crivo das conseqüências sobre o meio ambiente. Não há uma que não tenha essa preocupação. A pergunta não é subjetiva. Há mecanismos para avaliar se se pode ou não tomar uma decisão importante de investimento. Há mecanismos para avaliar de que modo essa decisão afeta a sociedade, o meio ambiente e o futuro do Brasil. Isso não havia antes. Isso é fruto da Conferência de Estocolmo, da Conferência do Rio, da ação militante das ONGs, da ação dos Parlamentares, da reclamação da mídia. As coisas mudaram e vão mudar.

Então, acho necessário que tenhamos, objetivamente, um espírito também de ver o que é possível alcançar na reunião de Johannesburgo.

Não se pode imaginar que seja só a lamentação de tudo. Uma reunião que é sobre tudo não é sobre nada – não é sobre nada. Ou tem foco ou se perde o tempo, porque, na verdade, as populações do mundo não vão entender a algaravia que se vai falar em uma torre de Babel, em que cada um se lamuria de um problema diferente do outro. Não é assim.

Sabemos quais são os problemas centrais. E os problemas centrais, em Johannesburgo, vão estar definidos de maneira relativamente sim-

ples: primeiro, não recuar e, portanto, incorporar o que já se avançou nas negociações multilaterais; segundo, não aceitar nenhuma espécie de unilateralismo, porque isso não ajuda ao desenvolvimento da governança progressiva no mundo; terceiro, vamos definir critérios de avaliação progressivos das implementações do que foi decidido, porque, quando não se tem critérios objetivos e mecanismos de acompanhamento, as coisas se esfumam, se perdem; e, quarto, é preciso manter alguma instituição, ou muitas, alguns grupos de líderes que acompanhem os resultados de Johannesburgo e permitam que aquilo aqui urgido pelos mais jovens as gerações futuras possam seguir adiante.

Assim como eu, amanhã, vou passar uma tocha simbólica às mãos do Presidente Mbeki, mostrando que há continuidade, é preciso que dessas reuniões aconteça também um mecanismo que leve à continuidade. Se não houver persistência, as belas palavras morrem. E os povos que precisam de mudanças concretas, práticas, não vão aplaudir com o mesmo entusiasmo com que nós aplaudimos as belas palavras. Não vão nem escutar.

Como tenho certeza de que as palavras que serão proferidas em Johannesburgo serão palavras de firmeza, de crença, de convicção, de competência e de sinceridade, vou pedir que, em vez de o Presidente do Brasil encerrar a sessão, o Presidente Thabo Mbeki, da África do Sul, nos dê o alento com a sua palavra, para nos mostrar o caminho que ele vai trilhar junto conosco, assumindo, desde este momento, a liderança desse processo.

O Presidente Mbeki tem a palavra.